

**MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA:  
EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PODER**

Renata Rastrelo e Silva <sup>1</sup>  
Hélio Carlos Miranda de Oliveira <sup>2</sup>  
Geovana Ferreira Melo <sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de analisar a importância de estratégias didático-pedagógicas enfocando, principalmente, o Museu Municipal de Uberlândia como espaço de produção de uma cultura material passível de diferentes olhares e interpretações. As novas concepções de museologia consideram os museus não mais como um depósito de objetos velhos sem utilidade, mas como um lugar que testemunha culturas e modos de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu, Educação, Memória, Poder.

**ABSTRACT:** This work will try to analyse the importance of didactic – pedagogic strategies, including, principally the Municipal Museum of Uberlândia as a space of material and culture production passible of different visions and interpretations. The new conception of museology considers the museums not anymore as a deposit of old and unuseless objects, but as a place that testify cultures and ways of life.

**KEY WORDS:** Museum, Education, Memory, Power.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História e Estagiária do Museu do Índio - Instituto de História - Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Graduando e Bolsista PET do Curso de Geografia - Instituto de Geografia - Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>3</sup> Profª da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás - geovana@faced.ufu.br

## Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder

Renata Rastrelo e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo

---

“(…) ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (FREIRE, 1996, p.25). Ensinar, na concepção de Paulo Freire, é levar o educando a um contínuo processo de aprendizagem no qual ele vai se formando, o que é, desse modo, muito diferente de treiná-lo para resolver operações matemáticas, exercícios de física e química ou ler um texto de forma fria e mecânica. Para o autor, educar não é “depositar” conhecimentos no educando como se ele nada soubesse. É, ao contrário, levar em conta o que ele já conhece para, a partir daí, iniciar o processo de ensino-aprendizagem. O educador não deve ser, portanto, aquele que se impõe como o detentor da verdade, como aquele que considera tudo saber, mas é aquele que sabe ouvir, que sabe estar junto ao educando, criando um ambiente pedagógico no qual haja interação entre educador e educandos, ambos percebendo que todos podem aprender e ensinar por meio dessa interação e desse respeito mútuo.

Educar, segundo Paulo Freire, deve levar em conta o saber que o educando já tem sem jamais o desmerecer, mas sempre procurando transformá-lo num saber mais elaborado e crítico, por meio da aprendizagem pela qual o próprio educando vai construindo seu conhecimento com o auxílio do educador, sendo, portanto, sujeito de seu conhecimento e não meramente um objeto passivo, que recebe conhecimentos prontos, mas, sim, que os elabora mediante o incentivo e o estímulo do educador. É nesse sentido que Paulo Freire se remete ao papel do educador, que tem, no processo educativo, uma grande responsabilidade visto que ele deve ter ética, ou seja, deve ser aquele que estimula realmente a autonomia do educando. Isso se contrapõe à idéia de que jamais poderá construir a autonomia vivendo, em sua prática, a opressão, o autoritarismo e o cerceamento da curiosidade dos educandos.

O professor comprometido com a autonomia dos seus educandos é aquele que compreende, como diz Paulo Freire, que “o ser humano é inacabado”, ou seja, que o ser humano vive constantemente em formação, o que implica não encarar o mundo como algo que já está determinado *a priori*, uma vez que, sendo seres inacabados, os homens encontram-se numa constante busca pela qual eles podem romper com idéias, com padrões estabelecidos e promover transformações na sociedade. Nessa contínua busca, o educando deve ser conscientizado de que sempre pode melhorar, que sempre pode, nas palavras de Paulo Freire, “ser mais”, haja vista que a história não está determinada, mas é, sim, um campo de possibilidades múltiplas no qual os seres humanos são sujei-

## **Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder**

*Renata Rastrello e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo*

---

tos, jamais objetos, pois os homens é que fazem a história e devem fazê-la sempre com esperança, encarando o mundo como algo que pode ser transformado pela ação de homens que se comprometem em construir uma sociedade mais justa, ou seja, jamais se deve parar de sonhar com um mundo melhor, e é tarefa do educador ir fazendo com que seus educandos percebam que o mundo pode ser mudado e melhor.

Desse modo, pode-se dizer que educar é mais que trabalhar com conteúdos, sejam eles Matemática, Português, História, Geografia. Educar é formar sujeitos em suas múltiplas dimensões, pois o educando não o é só na escola, mas em todas as esferas da vida, uma vez que pode aprender com todas elas. Daí ser conveniente que o educador se utilize de diferentes instrumentos pedagógicos para incitar o processo de aprendizagem e a formação do educando como pessoa.

Os museus podem ser, desta forma, um importante recurso pedagógico, visto que, nas novas concepções de museologia, tem-se considerado o museu não mais como um depósito de objetos velhos e sem utilidade, mas, sim, como um lugar que testemunha culturas, que testemunha modos de vida de homens e mulheres no seu fazer da história e, portanto, pode ser um instrumento no qual o educando, em vez de só ler nos livros a história, entra em contato com objetos, com a cultura material de uma determinada sociedade, podendo compreendê-la de uma forma mais visível.

Uma visita a um museu pode se tornar uma forma de estimular a curiosidade dos educandos para que, mediante aqueles objetos ali expostos, eles se interessem por conhecer os sujeitos que os produziram e os utilizaram no seu fazer-se do dia-a-dia, o que poderia criar um ambiente pedagógico de profundo entrosamento entre educador e educandos e entre os próprios educandos nessa contínua e conjunta busca pelo conhecimento, pelo aprendizado. Essa visita pode ainda despertar nos educandos o gosto por descobrir coisas novas, por conhecer modos de vida, às vezes, tão diferentes do seu, o que é enriquecedor para muitos, à medida que vai desenvolvendo nos educandos o respeito e o gosto pelo que é diferente, contribuindo, assim, para sua formação cultural.

O objetivo do presente artigo é, portanto, analisar a importância de estratégias didático-pedagógicas, enfocando, principalmente, o Museu Municipal de Uberlândia.

## **MUSEU MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA: UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO**

No processo de ensino-aprendizagem, vários instrumentos pedagógicos fazem-se necessários, portanto eles são ferramentas empregadas pelos educadores que têm por objetivo facilitar esse processo. Nesse sentido, podemos destacar, aqui, vários desses instrumentos que são utilizados pelos professores, sendo estes alguns exemplos: músicas, vídeos (documentários, filmes, desenhos, entrevistas), trabalhos de campo (observação), visitas orientadas.

Nesse contexto, o Museu Municipal de Uberlândia<sup>4</sup> passa a ganhar relevância e torna-se um grande instrumento de ensino, pois é um espaço em que a cultura material e a memória resgatam uma história, no caso aqui tratado, a história do surgimento do município de Uberlândia<sup>5</sup>.

Desde 2000, o Museu Municipal de Uberlândia possui uma mostra de longa duração (2000-2005), cujo título é “Nossas Raízes” e que tem por intuito retratar as “origens” do município de Uberlândia<sup>6</sup>. A Mostra é amplamente visitada por estudantes de escolas de educação básica e ensino fundamental da cidade, sendo usada, portanto, como forma de ensino dos primórdios da cidade. No Museu Municipal de Uberlândia é, desta forma, perceptível a utilização do seu espaço como uma “sala de aula” diferente, no qual os educandos são levados a conhecer o modo de vida dos Bandeirantes, dos habitantes da fazenda, e dos habitantes da pequena cidade de São Pedro de Uberabinha.

No Museu, os visitantes entram em contato com quatro salas, sendo

---

<sup>4</sup> A cidade de Uberlândia possuía, desde 1986, um Museu de Ofícios, que foi construído com base no acervo particular do Sr. Argemiro Costa, funcionário aposentado do Fundo Rural. Esse Museu não possuía sede própria, vindo a possuí-la a partir de agosto de 1994, recebendo o espaço do Palácio dos Leões (antigo Paço Municipal).

<sup>5</sup> “Uberlândia, fundada em 1856, quando foram implantados os fundamentos do arraial; um ano após, foi criada a freguesia com o nome de Arraial de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha. Em 1888, foi elevada a vila, com o nome de São Pedro de Uberabinha e, em 1892, passou a ser considerada cidade. Esta somente recebeu o nome de Uberlândia em 19 de outubro de 1929.” (SOARES, 1988, p. 64).

<sup>6</sup> Essa mostra tem como objetivo retratar partes da formação da cidade de Uberlândia no período que vai do início do século XIX até 1908.

<sup>7</sup> A ordem de descrição das salas presentes no Museu Municipal de Uberlândia será feita conforme o programa de visitação pública do Museu. Isso se dará com o objetivo de tentar retratar a realidade do Museu da forma que os visitantes – em especial, os estudantes de ensino básico e ensino fundamental – vivenciam a mostra exposta.

## Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder

Renata Rastrelo e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo

---

a primeira<sup>7</sup> a sala do Bandeirante, intitulada *Bandeirantes: Bandos-de-vastação*. Esta sala é composta por painéis/textos, que contam a história dos bandeirantes, um mapa com a rota percorrida por Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o Anhanguera, um painel com imagens e textos, que demonstram as ações dos bandeirantes sobre os povos indígenas que habitavam a região e, por fim, a montagem cenográfica de um acampamento bandeirante da região do Triângulo Mineiro.

A segunda sala é intitulada: *O fazedor e o fazendeiro nas fazendas*, e é a sala que retrata a fazenda, tão importante para o surgimento da cidade, pois foi sua organização espacial que deu origem a Uberlândia. A programação visual desta sala é formada por painéis/textos, que dizem respeito à fazenda, aos carros de bois, e conta ainda com a exposição de objetos da vida cotidiana. É importante ressaltar que a fazenda São Francisco de Assis recebe destaque no Museu, pois foi em suas terras que surgiu o povoamento da região, hoje conhecido como Bairro Fundinho.

*Lembranças aquecidas do cozer... das cozinhas* é o título da terceira sala. Ela é composta por painéis/textos e pela reprodução cenográfica de uma cozinha, com utensílios e mobiliários. Neste espaço, a figura da mulher é bastante destacada, sendo responsável pela manutenção das tradições e dos costumes que permeavam as famílias daquele tempo. “Ali, a mulher vivia enredada num eterno fazer, organizando a intimidade, garantindo a subsistência, transmitindo hábitos e ensinamentos, perpetuando tradições, usos e costumes no seio de uma grande família” (MUSEU, 2000, p.33).

Por meio de entrevistas realizadas com visitantes, chegou-se à conclusão de que essa sala é o lugar do Museu com qual os visitantes, em especial, os estudantes do ensino básico e fundamental, mais se identificam, pois eles já vivenciaram aquele cenário em outros lugares, seja na fazenda da família, seja em casas de cidades que ainda contam com tal estilo de cozinha, ou seja, cozinhas que possuem fogão a lenha, panelas e utensílios como os expostos no Museu.

A última sala, *Uberabinha: Uberlândia em Formação*, é composta por painéis/textos, que contam a história da cidade, painel/*cartoon* com leis que a regulamentavam e uma maquete de São Pedro de Uberabinha. Esta sala tem como centro das atenções a maquete da cidade, retratando uma antiga Uberlândia, do início do século XX. Essa maquete é de grande importância para o Museu, posto que, como ferramenta pedagógica, ela remete o educando ali presente a um tempo que não faz parte de sua vida, demonstrando que a sociedade é fruto de um conjunto de transformações

## **Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder**

*Renata Rastrelo e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo*

---

que estão em eterno movimento.

O Museu Municipal de Uberlândia é, desta forma, uma ferramenta pedagógica importante a ser utilizada no processo de construção do conhecimento sobre esta cidade, visto que a história do município de Uberlândia é contada de forma diferente, deixando de ser enfadonha e passando a ser motivo de curiosidade dos educandos. Nele, os visitantes podem conhecer um pouco do modo de vida dos bandeirantes, dos moradores das fazendas e da “antiga Uberlândia”, sendo que a utilização de recursos visuais (painéis/textos, mapas, objetos, maquete) é capaz de prender a atenção do visitante, facilitando a compreensão da Mostra.

Apesar de toda a validade da utilização do Museu como uma ferramenta pedagógica, é necessário que se faça uma reflexão sobre a memória retratada na mostra “Nossas Raízes”. A construção dessa memória presente no Museu é resultado de um ideal progressista existente na cidade e disseminado pela imprensa local:

Parafraseando um ilustre mineiro, na histórica frase que definia que o outro nome de Minas Gerais é liberdade, poderíamos dizer, sem medo de errar que o outro nome de Uberlândia é desenvolvimento. A cidade nasceu, cresceu e vem se constituindo sob este signo, que é marca e vocação de um povo determinado a construir aqui, nesse Brasil Central, uma cidade que concilia como poucas o crescimento econômico com qualidade de vida. A determinação de seu povo para o trabalho tem conseguido criar, no Triângulo Mineiro, uma ilha de prosperidade no mar da crise brasileira. O impacto das dificuldades que atinge a todos vem sendo superado com competência e talento dos que constroem com seu suor, um dos mais ricos capítulos da história do desenvolvimento do país. É esta Uberlândia que empresta ao país um modelo de eficiência e que cumpre a parte que lhe cabe na tarefa de construção de uma nação mais justa para todos (GALASSI apud CARVALHO, 1998, p.38).

Uberlândia, que cidade é essa que vive de desafios e consegue se superar a cada dia? Que povo é esse que, na maioria das vezes, mesmo sem ter nascido aqui é tomado de um amor que se manifesta constantemente em forma de participação? Uberlândia, que fez esta combinação feliz em ousadia e simplicidade, de juventude e experiência, de conhecimento e de

### **Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder**

*Renata Rastrello e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo*

prática, de trabalho e lazer, de esperança e certeza? Uberlândia, esse sonho bonito que é realidade de muitos. Uberlândia, simplesmente uma cidade que nasce sem se desarmonizar, onde a evolução da tecnologia, a força do comércio, da indústria, agropecuária estão voltadas para o ser humano (MACHADO apud CARVALHO, 1998, p.39).

Em um dos painéis do Museu, esse ideal progressista é perceptível, por meio da seguinte frase: “Adquiriu novo aspecto, com um ritmo acelerado com sua atmosfera cortada pelos sons de buzinas, de sirenes e de motores interrompidos a cada esquina em tantas ruas asfaltadas e emparedadas de concretos”<sup>8</sup>. Nessa frase, a chegada dos veículos motorizados expressam a passagem de uma sociedade rural para uma sociedade urbana, a qual estaria marcada pelo desenvolvimento e pelo progresso. Porém, pelo trabalho de Carrijo (2002), pode-se perceber que a chegada desses veículos, e, conseqüentemente, a urbanização, não se deu de forma tão harmoniosa como parece ser pelo tom poético dado a essa transformação, uma vez que tal chegada ocasionou diversos acidentes que dizem respeito às mudanças, tanto na concepção de tempo, quanto na de espaço, causadas pela chegada desses veículos, o que nos leva a dizer que esse processo demandou adaptações que ocorreram de forma lenta e conflituosa.

Até mesmo a localização do Museu é algo a ser pensado, visto que ela não deve ser fruto do mero acaso, tendo em vista os significados atribuídos ao prédio que o abriga, pois ele foi um dos lugares que representou o progresso uberlandense. O Museu Municipal de Uberlândia tem como sede o Palácio dos Leões, prédio projetado pelo arquiteto Cipriano Del Fávero, construído durante os anos de 1916 e 1917 para ser a sede do poder legislativo da cidade de Uberlândia-MG. Esse prédio é uma obra significativa, haja vista que contribuiu “para materializar o discurso do progresso na cidade” (SOARES, 1997, p.106), discurso que foi sempre difundido pela elite uberlandense e que se perpetua ao longo dos anos.

O Palácio dos Leões, na época de sua construção, foi motivo de encanto para os moradores da cidade de Uberlândia por vários motivos, dentre eles, o fato de ser o primeiro prédio da cidade a ter dois pavimentos, além de ser erguido no centro de uma praça e também por encerrar

<sup>8</sup> Este painel está exposto no Museu Municipal de Uberlândia, na sala: Uberabinha: Uberlândia em Formação.

## Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder

Renata Rastrelo e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo

---

diferentes influências arquitetônicas. Esse prédio procurou, segundo Soares (1997), cristalizar o ideal da elite uberlandense de que essa era uma cidade ordeira, progressista, majestosa, tendo em vista que não só esse, mas diversos outros prédios foram construídos por essa elite, a fim de legitimar esse ideal e difundir a idéia de que essa cidade estaria em consonância com o desenvolvimento do país rumo à modernidade.

Aqui, então, queremos chamar a atenção para essa memória que está viva no Museu Municipal, uma memória oficial, a história dos “vencedores”, que, muitas vezes, é encarada como a verdadeira história de Uberlândia. Deve-se deixar claro que não estamos questionando a validade dos museus como instrumento pedagógico, e, sim, como as informações estão nele expostas.

Conforme a descrição das salas, é dado sempre destaque aos “vencedores”. Na sala *Bandeirantes: Bandos-de-vasta-ação* destacam-se os bandeirantes, tanto no cenário montado, quanto no painel que demonstra sua atuação sobre os índios. A figura do bandeirante, nesse painel, sobrepõe a figura do índio, deixando-os em segundo plano. Esta sobreposição de imagens faz-se necessária, pois o discurso burguês sempre privilegiará os vencedores em suas histórias.

*O fazedor e o fazendeiro nas fazendas.* Nessa sala, mais uma vez, está presente a relação de poder que se configurou nesse local, pois destacam-se grandes fazendeiros, enquanto que grilhões e ferramentas de trabalho representam o escravo. A partir daí, pode-se dizer que a memória produzida no Museu, sobre a cidade, privilegia os “grandes homens”, enquanto que negros e índios são colocados à margem da história, como meros coadjuvantes.

Por conseguinte, é preciso que se tenha em mente que a memória ali representada no Museu Municipal é **uma** interpretação da cidade de Uberlândia, o que nos leva a afirmar que sentidos diferentes são atribuídos ao passado, pois, como esclarece Alessandro Portelli (apud ALMEIDA & KOURY, 2002), a memória é algo individual, portanto, não tem um único sentido, haja vista que cada sujeito elabora e reelabora a memória de acordo com seus próprios referenciais, de acordo com sua vivência, com seus valores, logo, pode-se dizer que a memória não tem também um único conteúdo, não havendo, portanto, memória, mas, sim, **memórias**, pois trata-se de uma sociedade dividida em classes sociais. O que, muitas vezes, parece acontecer na memória preservada nos arquivos e museus é que ela tenta apagar essas múltiplas representações da mesma cidade, dando a idéia de que o real, a **verdade** é o que está ali representado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu, dependendo da forma como é utilizado como recurso pedagógico, pode ser um instrumento de poder, de dominação, pois, para as crianças cujo processo de conhecimento está em construção, retratar a história dos “vencedores” poderá fazer com que elas tomem tal memória como verdade e reproduzam isto em seu discurso. Todavia, também pode servir como possibilidade de libertação. Mas, para isso, é necessário que os educadores saibam separar o discurso burguês da história da cidade, fazer uma análise crítica sobre a Mostra, demonstrando aos educandos que o está representado ali é **uma** memória, construída pelas elites, e não **a** memória da cidade de Uberlândia.

Assim, cabe a nós, educadores, refletir sobre a melhor forma de organizar o processo ensino-aprendizagem a partir de estratégias pedagógicas, como o Museu Municipal de Uberlândia. Ressaltamos o valor de concebê-lo como uma “sala de aula”, com possibilidades de um olhar diferente no ensino da história de Uberlândia. Assim, permitir-se-á aos educandos interpretá-lo criticamente, tendo sempre em foco o intuito de demonstrar a existência de várias memórias diferentes sobre um mesmo lugar. Nessa perspectiva, o professor contribuirá para uma formação mais crítica do educando, que será levado a respeitar e a valorizar diversas interpretações, atentando sempre para a diversidade de vivências que existem numa mesma cidade, afinal a cidade se compõe de distintas classes sociais, as quais interpretam a seu modo as experiências vividas em um mesmo espaço. Ao proceder assim, o educador poderá contribuir para a formação de pessoas mais “éticas”, que saibam dar o devido valor à diferença.

Ao promover uma visita ao Museu Municipal, o educador deve ter sempre esse cuidado de demonstrar aos seus educandos que a memória que ali está representada é uma das memórias existentes sobre a cidade, uma vez que esses educandos, como já foi dito, devem sempre ter em mente que as diferenças existem na sociedade. Fazer isso é um importante papel do educador, haja vista que, na concepção de Paulo Freire, a educação é uma “forma de intervenção no mundo”, ou seja, ela pode tanto contribuir para a reprodução de uma ideologia que se quer dominante, quanto para a transformação. A educação é, portanto, política: “A raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente. Inacabado e consciente de seu inacabamento, histórico, necessariamente

### **Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder**

*Renata Rastrelo e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo*

---

o ser humano se faria um ser ético, um ser de opção e de decisão” (FREIRE, 1996, p.124).

O educador tem, desse modo, o papel de demonstrar a existência do discurso do progresso na cidade de Uberlândia sem, no entanto, legitimá-lo, encarando aquela mostra como **uma** interpretação da cidade e não como **a** sua história.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ALMEIDA, Paulo Roberto & KOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia: EDUFU, nº 25 e 26, Jul/Dez 2001 - Jan/Jul 2002, p. 27-54.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: memórias de velhos. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 484 p.
- CARRIJO, Gilson Goulart. “Acerca de nuvens, fotografias e história” e “Desing urbano como representação da imaginabilidade da cidade: a estética urbana”. In: \_\_\_\_\_. **Fotografia e a invenção do espaço urbano**: considerações sobre a relação entre estética e política. Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002, p. 16-81.
- CARVALHO, Carlos Henrique de & CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. A ordem do discurso na lógica do espaço urbano burguês. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia: EDUFU, ano 10, nº 20, Jul/Dez 1998, p. 37-48.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave em Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15-47.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, 220p.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 195p.
- FREITAS, Paulo de (coord.). Museu Municipal de Uberlândia: um pouco de sua história. **Estilos e Projetos**, Uberlândia, nº 1, mar 1996. p. 01-08.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. 9ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, 143p.
- GUARANYNS, Ana. O antigo e o moderno, juntos no Museu. **Correio do Triângulo**. Uberlândia, 16 dez 1994. Caderno Revista. p. 15.

**Museu Municipal de Uberlândia: Educação, memória e poder**

*Renata Rastrelo e Silva, Hélio Miranda de Oliveira e Geovana Ferreira Melo*

---

MENICONI, Rodrigo & RENDE, Alessandro. Vida nova ao antigo “Palácio dos Leões”. **Estilos e Projetos**, Uberlândia, nº 1, mar 1996. p. 16-17.

MUMFORD, Lewis. Emergência da Pólis. In: \_\_\_\_\_. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. Neil R. Da Silva. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 135-176.

MUSEU Municipal de Uberlândia. **Mostra Nossas Raízes**. Uberlândia, 2000, 43p.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. Dissertação de Mestrado em Geografia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988, 222p.

\_\_\_\_\_. Uberlândia: da Boca do Sertão à Cidade Jardim. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia: EDUFU, ano 9, nº18, Jul/Dez 1997, p. 95-124.